

24-07-2019

João Saldanha e meu avô

Leila Uruhay Grienz

[Psicóloga Social. Radialista]

Nesta coluna de Direitos Humanos, às vezes tenho dúvidas se estou dando conta do recado ou tratando do meu próprio direito de ser humana. Embora trabalhe com jornalismo, o fato de ter me dedicado ao rádio, com formação em psicologia, deu-me mais potência nas cordas vocais do que nos dedos. Escrever com uma periodicidade e uma certa disciplina está sendo um exercício que eu ainda não tinha experienciado. Exercício bom. Mas, armadilhas do destino, caí nas malhas das lembranças de meu avô. Como sempre achei que o silêncio de meu avô dava um livro, estou por aqui para falar de João Saldanha. Eu dizia, na coluna anterior, que o Saldanha, como quadro qualificado do PCB [Partido Comunista Brasileiro], foi enviado para a Guerrilha de Porecatu e por lá ficou 5 anos. Só p'ra lembrar, a Guerrilha de Porecatu foi o pontapé inicial da organização camponesa da luta pela terra e reforma agrária. Fiquei muito curiosa para saber se o arrepio que eu tive quando pensei que o Gringo (meu avô) começou a se interessar por futebol foi por causa do João Saldanha. Afinal das contas, Zil e Antonio Silveira, os amigos-passarinho de meu avô com certeza tinham conhecido o Saldanha em Porecatu. A ver. Só recentemente comecei a remexer nessas coisas.

A psicologia me ensinou, se é que eu aprendi alguma coisa, que as coisas ficam embaralhadas no inconsciente e se você não mexe nelas, aparentemente elas não têm sentido.

E, dependendo de como você mexe nelas, elas ficam mais sem sentido ainda. Felizmente, no meu caso, as coisas começaram a ter um sentido que sintetizo como: *o resgate do silêncio de meu avô - o Gringo que amava passarinhos -*. O que esse silêncio significou na minha própria formação? O silêncio do passado pode falar tanto, a ponto de gritar no futuro? Tenho pensado nisso o tempo todo e o desejo de escrever sobre essas coisas me deixam aturdida, pois minha vocação não é essa. Será que não é mesmo? No rádio, onde comecei aos 15 anos, hoje trabalho mais nos bastidores.

Já falei muito no rádio, mas hoje o silêncio da logística com conhecimento de causa me cala para fora. Para quem ouve o rádio eu não existo. E uma aparente inexistência, imprescindível para a existência de outros é um exercício de humanidade que não tem preço. Pois eu sei que se eu não estivesse ali, a voz dos locutores nem sempre sairia como os ouvintes gostam. Isso tem a ver com o silêncio de meu avô? Começo a achar que psicóloga e radialista é uma combinação explosiva. Explosão de descobertas, tomara. Quando comecei a pesquisar sobre o Saldanha em Porecatu, minha primeira providência foi confirmar isso. Confirmei, mas ainda não encontrei detalhes.

Quando a gente vai na internet, na maior parte das vezes encontra histórias do Saldanha sobre a copa de '70.

Andando um pouco mais vamos encontrar histórias do João sem Medo, de sua origem de uruguaio e/ou gaúcho que levava munição, ainda menino, para os maragatos.

*“Toda a família Saldanha estava envolvida, de uma forma ou de outra, na beligerância entre chimangos e maragatos. João tinha apenas seis anos quando, com os irmãos mais velhos Maria e Aristides, andou trazendo armas e munições para os revoltosos, escondendo-as sob a roupa aparentemente inocente de criança.”*¹ Já fiquei até me coçando para conhecer melhor essa história de chimangos e maragatos. Até me arrepiei quando encontrei essa ligação do Saldanha. Será que o Gringo também tinha alguma coisa a ver com isso? Mas, precisei me conter, pois algo me dizia que eu estava no caminho certo, e estava mesmo. Por estar nesse turbilhão de ideias de resgatar *o silêncio de meu avô*, num momento de minha vida em que assumo uma nova identidade de gênero, com milhões de atribuições no rádio e ainda assessorando um movimento de mulheres contra a violência de gênero, ih!, acho que fiz um desabafo, vou respirar. Volto ao Saldanha.

Por estar nesse turbilhão de ideias e afazeres, ainda não consegui as biografias do João sem Medo. Estão esgotadas e, sinceramente, tenho um certo receio de que elas vão falar sobre as *“Feras do Saldanha”*, bem mais do que da Guerrilha de Porecatu. Minha intuição me dizia que eu encontraria algo nas coisas do meu avô. Mas antes, encontrei isso: *“No dia 17 de abril (2015), no ... Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ, realizou-se a abertura do VII Congresso da União da Juventude Comunista (UJC). Um dos momentos de maior emoção do evento foi a entrega da Medalha Dinarco Reis em memória de João Saldanha, saudoso comentarista esportivo e militante do PCB, que, em sua juventude, teve destacado papel na organização nacional da UJC, assumindo a presidência da entidade em 1948.”* A notícia era extensa: *“...em 1950... designado pelo Comitê Central para a tarefa mais árdua de sua vida: dar assistência aos militantes do PCB que dirigiam a luta dos camponeses pela terra em Porecatu, no norte do Paraná. Grandes grileiros agiram com violência, através de jagunços, pistoleiros e o apoio da polícia do governador, para expulsar dali os posseiros, o que provocou a resistência armada dos camponeses. ... João Saldanha ... além de dar assistência política aos revoltosos, levava dinheiro arrecadado pela rede de solidariedade ao movimento e organizava cursos de formação de quadros para os camponeses. ... Ao final, graças ao movimento, entre 1.500 e 1.800 famílias receberam terras.”*²

Pois com essas confirmações eu botei na cabeça: vou fazer o que eu nunca havia pensado - olhar as correspondências do Gringo - meu avô. ■■■

Fontes:

1 - <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/joao-saldanha-1941>

2 - <https://pcb.org.br/porta12/7864/>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.